

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração  
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

10 de Julho de 1914

Composto e Impresso na Typ. do Annuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1279



ARCHIDUQUE FRANCISCO FERNANDO E SUA ESPOSA DUQUESA HOHENBERG  
VICTIMAS DO ATTENTADO DE SARAJEVO  
*Rodeados de seus filhos, Princesa Sofia e Principes Maximiliano e Ernesto*

## CRONICA OCCIDENTAL

Motivo tocante de comiserção — essa atitude dolorosissima, tantas vezes, assumida, deante de si-proprío, pelo comediante hilare...

Por êle, dô — sentimol-o comovidamente, mal o enxergamos, á luz da ribalta, tintinando guisos de folia, e assomando ao publico alvar a sua fisionomia pálida besuntada de riso. Encolhido, mais e mais, a um canto recondito da plateia, sem aplausos nem protestos, de longe, observamol-o, que desenrola, num gesto tremulo, tragicamente, o seu papel de cómico á força. A nosso lado, a besta-humana, incompreensiva do misterio intimo que estorce aquela alminha, esbravata, ruge em desvaio, estremece em convulsões o dorso, escancara, de gargalhada, a fauce té aos condilos ou pateia descompassadamente.

Comediante misero! Quem vae, junto a ti, para auscultar-te o peito e sentir ou presentir o pesar ou a doença, que te esfacela e estertora o coração? Ninguém. Encerra-te no teu reduto de esfinge. Afivela mais seguramente a mascara. Disfarça mais veladamente o falsête da tua voz. Se te revelas, de verdade — a mole humana vae esmagar-te. Para ti fanaram as illusões ultimas — o trombone da orquestra envieza olhares de entendimento para a tua namorada, comparsa e linda? Pranto — cala-o. Soluços — sufoca-os. Aperta, mais e mais, a gargalheira do riso, e se a dôr é mais forte, antes que o soluço irrompa, afoga-te irremediavelmente. Morre no teu posto. Seja o teu ultimo gesto — uma bravata. Teu derradeiro olhar — um tregeito. Tua palavra ultima — um calimburgo.

E's casado? Peior!

Sofreste a sincope do amôr ou deixaste alienar os teus sentidos — em todo o caso, assim como assim, amarraste para sempre os pulsos ao poste do casamento. A espôsa — espera-te carinhosamente no camarim? Flaneia, á luz do gaz, pelas ruas da Baixa? Tens filhos — e na mansarda desguarnecida, agua-furtada, cave funda, vestes em farrapos, carnes maceradas, tiritantes de miseria, clamam por pão e conforto? ... Não importa. Sofreia as tuas duvidas. Ilude a tua dôr. Alevanta animo.

Se tens alma — rasga-a, amarfanha-a, contanto que o papel, de que te incumbiram, ressaia liso e brunido ante o olhar esquadrinhadôr do publico. Desfaleces? Hesitas? ... Irremissivelmente perdido. Falta-te fôlego. Desmaiou, sem remedio, a tua graça. Foi tomada de deliquio a tua memoria.

O espectador assovia. Entre bastidores, murmurinha-se. As platibandas tremem. Num intervalo de scena, o empresario achega-se e, alto e bom-son, exclama: «Menino! Isso vai mal...»

Sabemos, infelizmente, o que estas palavras simples querem significar. As intrigas esfervilham. Vão relegar-te para um plano secundario. Ruina do teu bom-nome e miseria maior da tua má casa...

Assim pensamos nós, encolhido, mais e mais, a um canto recondito da plateia, sem aplauso, nem protesto, observando de longe o comediante hilare — réu sem culpa condenado aos trabalhos forçados do Riso...

Toca-nos comovidamente o sentimento cristianissimo da compaixão por esse pisapalcos farcista. Entanto, quem, dentre nós, ha que não represente, por vezes, na vida, á força, um mau papel de farça dolorosa? ... Não é sómente no teatro que as mãos se enclavinham em gestos de efeito e as fisionomias tomam vincos de caracterisações estudadas.

Quem aparece, a miude, ao publico, impõe-se de principio conquistar uma attitude típica e tanto mais sugestiva quanto mais energicamente definida e sincera. Demais, é mister cumprir a missão de que o publico atento espera uma realisação integral.

Por certo, ninguem irá exigir do ministro do fomento uma ode pindarica. Tambem, raros pedirão ali ao poeta-moço-desquina a resolução do magno problema financeiro. Em compensação, tudo poderá pedir-se e exigir-se dum presidente-de-ministerio que, segundo consta, como todos, sem duvida, não tem missão a cumprir, nem competencia apreciavel. Pelo contrario, um cronista, digno do nome que se deu, tem contas severas a solver. Evidentemente, as suas responsabilidades e compromissos variam de pêso e medida, conforme a categoria que alcançou na escala do conceito publico.

Ao cronista de salões mundanos — é imposta a condição *sine qua non* de ser elegante e parvo. Cronista de acontecimentos internacionaes — deve treslêr algo e copiar muito de revistas e jornaes estrangeiros autorisados. Cronista politico — usa de virulencia nas suas diatribes e calúnia nas suas acusações formidandas. Cronista de teatro — se bem que não saiba, ao certo, distinguir dum rábula um comparsa minimo, tem de conhecer, vagamente, o nome do empresario e a côr das ligas da estrela-da-companhia. Ao cronista de finanças — exige-se exclusivamente que seja tatibitates...

Tudo se reduz, pois, á recitação, mais ou menos, correta, dum papel estudado de entremês.

Ao cronista do OCCIDENTE — que não é politico, nem financeiro, não frequenta, por gosto, bastidôres nem antecamaras de salões em voga — que resta para satisfação plena de seus pruridos literarios, e aprazimento de leitôres, em demasia, exigentes? ...

Falar do assassinio cobarde do archiduque Francisco Fernando e sua esposa, duqueza de Hohenberg?

Depôr flôres artificiaes de panegirico sobre a eça de Joseph Chamberlain?

Comentariar, forçadamente, ironico, o regresso do sr. João Franco e o encerramento do primeiro parlamento da republica-portugueza?

Não. O nosso estado-de-espírito não nol-o permite. Sentimos, neste momento, que dentro em nós cristalisaram *lacrimar rerum*.

E, assim, deixem que façamos, acaso, exaggeradamente desenvolvida, a parafrase daquella apostrofe magoadissima de Hamlet:

«Words! Words! Words!»

Hoje, por falta de assunto grato, circunscrevemo-nos á assinatura exata do nosso nome.

## Joseph Chamberlain

Ha dias, 3 do corrente, correu mundo em fóra a noticia infausta do falecimento de Joseph Chamberlain. Eis, pois, prostrado inerte o homem que foi incontestavelmente uma das mais solidas organisações de politico, que para sua honra e gloria a Inglaterra contemporanea possuiu.

Faleceu, em Londres, com 78 anos de idade! Assim, velho e doente, alquebrado para a vida politica activa do seu paiz — ainda os olhos dos seus admiradôres fervorosos de Birmingham se enlevavam de esperança na contemplação da sua figura alta, esguia, poderosa de sugestão, grifada de energia...

Todos o sabiam adoentado e avelhentado — é verdade. Em janeiro ultimo, escreveu ele, o querido «Joe», uma carta aos seus amigos de Birmingham, firmando a resolução de não se apresentar como candidato nas proximas eleições e não tomar parte nem interferencia nos negocios politicos por falta absoluta de saude. Imagine-se a tristeza que esta resolução, por inabalavel, comunicou aos seus eleitôres fidelissimos.

Entanto, apesar de tudo, foi de assombro a noticia do seu falecimento, breve espalhada, numa velocidade vertiginosa, pelo mundo inteiro. Emfim, era um exemplo vivo de energia, firme, resistente, inquebrantavel — que a todos era necessario em presença de espirito e realidade corporea.

Agora, ninguem, na imprensa, sem distincção de côres politicas, desde a gazeta mais avançada até á revista mais conservadôra, ha que não renda preito de homenagem á coragem imperturbavel e patriotismo intransigente do grande homem publico que em vida se chamou simplesmente Joseph Chamberlain.

Pela primeira vez, representou Birmingham, em 1876, na camara dos comuns. Sendo, então, liberal, figurou, em 1880, no gabinete de Gladstone e foi nomeado presidente do «Board of Trade» e mais tarde, em 1885, após as eleições geraes, presidente do «Local government board». Scindiu-se o partido liberal em dois grupos: o de Gladstone, favoravel ao *home-rule*, e o de Hartington e Chamberlain, chamado «partido liberal unionista» manifestamente oposito ás liberdades irlandesas. Em 1895, ligado aos conservadôres, aceitou a pasta de ministro das colonias no ministerio Salisbury — e foi então que ele se revelou em toda a grandesa e marcou na historica politica um lugar inconfundivel. Chegou ao auge a ambição do imperialismo britanico — de que Joseph Chamberlain foi um dos agentes mais acendrados e intemeratos.

Travou-se uma luta acêsa contra os boers. Sómente uma persistencia tenacissima poudo vencer as dificuldades que momento a momento se antepunham temerosamente. Muitas vidas e varios biliões custou aos ingleses a victoria alcançada, emfim, nessas paragens longinhas de Africa do Sul. Mas o que é certo é que a Inglaterra conseguiu vencer e dominar as valorosissimas republicas boers.

Chamberlain concebia um vasto *zollverein* que protegesse e unificasse, comercial e industrialmente, todas as partes desse imperio.

Foi Joseph Chamberlain a alma desse intenso movimento de magna expansão inglesa.

E é por este grande homem, arremessado inerte para o fundo duma jazida, que toda a Inglaterra traja hoje de rigoroso luto.



CHAMBERLAIN.

# HANS MEMLING



## DUAS RELIGIOSAS DO CONVENTO DE SANTA CLARA

A religiosa corôada será a princesa Urraca, filha de D. Affonso Henriques, que casou com Fernando II, rei de Aragão

*Coleção Moreira Freire.*

## A MEU PAI



que la alta e clarissima bondade  
A que me abrigo tanta vez afficto,  
O meu louvôr, por toda a eternidade,  
Nestes versos dum dia seja escrito!

Louvôr, louvôr a ti! Na imensidade  
Dos seculos sem fim soará meu grito.  
Louvôr, louvôr a ti, ó Pai bemdito,  
Que em mim revives outra mocidade!

Tudo o que fui e sou a ti o devo.  
O sangue, o desalento, o coração,  
Tudo te herdei, ó Pai, tudo me deste

E até, Senhor, os versos que ora escrevo,  
E eu tanto amo, até os pobres são  
Aquilo que sentiste e não disseste!

*João de Lebre e Lima.*

## Pelo mundo fóra

O dia 28 de Junho foi assignalado na Historia. Mais um crime horrendo se commetteu em nome da liberdade humana. Desta vez coube a sorte ao *archiduque herdeiro da Austria-Hungria, Francisco Fernando e sua esposa a duquesa de Hohenberg*, que se encontravam em *Sarajevo*, onde foram assistir a manobras militares. O attentado foi largamente planeado, envolvendo-se no trama bastantes dessas criaturas para quem a morte d'um soberano constitue a suprema aspiração da existencia. O archiduque e a esposa iam em automovel á camara municipal para darem recepção ás auctoridades. A multidão apinhava-se para saudar o representante do soberano; as ruas de *Sarajevo* engalanaram-se para o receber. Subitamente é lançada sobre o vehiculo uma bomba que attinge o braço do archiduque, que num movimento repentino e natural repelliu o projectil. A explosão deu-se depois de passar o automovel, ficando ferido o *conde de Bosvaldec*, ajudante de campo do herdeiro do throno, e o tenente-coronel *Merizzi*, que iam noutra carruagem, bem como varias outras pessoas.

O criminoso, que foi logo preso, é um typographo chamado *Cambrinovic*, natural de *Trebinje*, pequena cidade da *Herzegovina*, sobre o *Trebintchitza*, affluente do *Naruta*.

O cortejo seguiu até á camara, esforçando-se o archiduque em serenar os espiritos de todos. Na resposta ao discurso do burgomestre, Francisco Fernando mostrou a sua satisfação pelas delirantes manifestações de que fóra alvo, apoz o attentado. As auctoridades immediatamente tomaram medidas repressivas a que o archiduque se oppoz, não permitindo que se alterasse o programma.

Reorganiza-se o cortejo. As aclamações rompem estrepitosas. Mas o golpe ha-de dar-se. O braço executor erguia-se implacavel, feroz, assassino. Em certa altura avançou então para o automovel um homem novo que, apon-



S. M. O IMPERADOR FRANCISCO JOSÉ



ARCHIDUQUE CARLOS FRANCISCO JOSÉ COM SUA ESPOSA E FILHOS  
NOVO HERDEIRO PRESUNTIVO DO THRONO DE AUSTRIA-HUNGRIA

tando uma *browning*, fez fogo varias vezes, attingindo a duquesa no abdomen e o archiduque em pleno rosto. Conduzidos ao *konack*, falleciam pouco depois! O assassino escapou de ser lynchado pelo povo. E' um estudante do lyceu, chamado *Prinsip*, natural de *Grahovo*.

O velho imperador *Francisco José*, o decano dos soberanos, foi mais uma vez victima da atroz fatalidade que ha tantos annos o persegue. Nelle se consubstanciam os maiores soffrimentos humanos. A sua longa e attribulada existencia deve servir-nos de exemplo e de lenitivo, nas horas amargas da vida. O imperador subiu ao throno em 1848, apoz a abdicação de seu tio *Fernando I*, que fugira perante a revolução triumphante, em que foi assassinado em Vienna o ministro da guerra, *conde de Latour*. Francisco José tinha então 18 annos.

Em 1853, num dia em que o imperador passeava na esplanada de Vienna, um individuo lança-se sobre elle e dá-lhe uma facada na nuca, sem consequencias de maior.

Em 1859, as suas tropas são batidas pelas forças francezas e italianas em *Palastro*, *Magenta* e *Solferina*.

A 11 de Julho, o tratado de *Zurich* tira-lhe a *Lombardia*.

Em 1866 dá-se a batalha de *Sadowa*, onde ficam 18:000 mortos e 2:000 prisioneiros, com 160 canhões. F. José abandona os seus direitos sobre os ducados do *Elba*, reconhece a sua exclusão da confederação germanica, passando a supremacia allemã para o rei da Prussia. No mesmo anno é obrigado a ceder ás reivindicações italianas, abandonando *Veneza*, depois da *Lombardia*. As duas ridentes provincias que constituem hoje as joias da Italia, segundo a expressão de F. José, escaparam definitivamente ao dominio austriaco.

Em 1867 o *archiduque Maximiliano*, irmão de Francisco José, e imperador do Mexico, é aprisionado pelas forças de *Juarez*, sublevadas contra elle. Condenmam-no á morte e fusilam-no em *Queretaro*.

Em 1889 o filho unico de Francisco José, o *archiduque Rodolpho*, muito popular em todo o imperio, morre bruscamente na tragedia mysteriosa de *Meyerling*.

Em 1898 cabe a vez á esposa do monarcha, a *imperatriz Elisabeth*, que é assassinada em *Genebra*.

Todas as esperanças sobre a successão ao throno austro-hungaro se concentravam no archiduque Francisco Fernando, seu sobrinho, que agora cahiu varado nas ruas de *Sarajevo*, capital da *Bosnia*,

cuja anexação á Austria é obra do mesmo archiduque que, por essa acção, provocou as iras dos servios, sonhadores de extenso dominio que o resultado da recente guerra balkanica não permittiu effectuar.

O assassinio do archiduque herdeiro fez romper em toda a Austria perseguições contra os servios, dizendo-se que o braço criminoso fora armado em *Belgrado*.

*Cabrinovic* confessou que num café de *Belgrado* lêra a noticia de que no fim de Junho o archiduque iria a *Sarajevo*; que mostrara o jornal a *Prinzip* e que no dia seguinte se reuniram no parque de *Belgrado*, onde decidiram sacrificar-se pela patria resolvendo matar o archiduque, a duqueza e o seu sequito. Para obterem as bombas, dirigiram-se a *Milan Prebicsewitch*, antigo tenente austro-hungaro, que desertou em 1906, e está hoje addido ao chefe de estado maior servio; recorreram tambem a *Marodna Obrana*, secretario da associação pan-servia.

*Prebicsewitch* levou-os ao *comitdjé Cyganievitch*, que os armou de bombas e revolveres, assim como de cyaneto de potassio, para se suicidarem. *Cabrinovic* e *Prinzip* aggregaram a si o estudante *Trifke Grabes*. A distribuição de bombas e revolveres fez-se no proprio dia do attentado. A excitação contra a Livia e os servios é medonha. Em *Sarajevo* não fica de pé uma casa servia. Em *Mostar*, capital da *Hersegovina*, o bairro servio é incendiado, dando-se os mais horripilantes excessos e conflictos sanguinarios entre servios e croatas. Em *Agram*, capital da *Croacia*, 20:000 homens organizaram um cortejo, gritando: abaixo os servios, abaixo os assassinos!

Segundo o *Reichspost*, o archiduque tinha o presentimento de que alguma coisa iria dar-se contra este. Houvera mesmo avisos confidenciaes, mas não houve razões que impedissem a viagem. As auctoridades de *Sarajevo* descuraram a defeza do

archiduque, e por isso muitos officiaes e outras personagens serão castigados.

A tragedia de *Sarajevo* cava pois mais fundo o abysmo ha muito existente entre a Austria e a Servia, embora esta acquiesça ao pedido do governo austro-hungaro para que se faça um rigoroso inquerito sobre o attentado, cujo *complot* teve inicio em *Belgrado*.

E' curioso notar que o rei *Pedro da Servia* havia dias antes entregue a regencia ao principe *Alexandre*, sob o pretexto de ir tratar da saude. No fundo porém a causa da sua sahida do reino é attribuida a dificuldades de governo.

O archiduque herdeiro representava o soberano em todas as ceremonias officiaes. A sua influencia pessoal poz-se em foco por occasião da anexação da *Bosnia* e da *Herzegovina* e na organização do exercito e da marinha.

Recentemente se poz em evidencia pelas entrevistas do *Castello de Koponisch* entre o *kaiser* e o archiduque, a que assistiram o almirante austriaco *Haus*, o almirante allemão *Tirpitz*, creador da marinha allemã, e o chefe superior da armada austro-hungara. Consta que um dos accordos consistiu na implantação do serviço militar de tres annos na *Allemanha* e na *Austria-Hungria*. Attribuem ao archiduque ideias clericas e tradicionalistas, favorecendo a reacção em todos os dominios contra as aspirações da independencia hungara e o movimento de *Los von Rom*.

Era indubitavelmente um grande amigo de *Guilherme II*, que com elle contava para o engrandecimento da sua potente nação.

Dado o papel consideravel que a Austria tem tido na crise albaneza, em que a sorte do principe de *Wied* está prestes a decidir-se, é facil conjecturar o effeito produzido pela tragedia de *Sarajevo*.

O archiduque *Fernando* e sua esposa descançam para sempre no castello de *Artstetten*. Deixam tres filhos: a princesa *Sophia* e os principes *Maximiliano* e *Ernesto*, que não tem direito ao throno, por provirem d'um casamento morgamatico. *Francisco Fernando* nasceu em *Gratz* em 1863. Era filho do archiduque *Carlos Luis*, irmão de *Francisco José I.*, fallecido em Maio de 1896, e da princesa *Bourbon*, do ramo das *Duas Sicilias*, fallecida em Maio de 1871.

Apaixonou-se pela dama da côrte, a condessa *Sophia Chotek de Chotkowa e Wognin*, que nasceu em *Stuttgart* em 1868 e, vencendo as dificuldades oppositas pelo imperador, casou morgamicamente em 1900, sendo a condessa elevada á dignidade de princesa de *Hohenberg*.

O herdeiro ao throno austro-hungaro é o archiduque *Carlos Francisco José*, filho do archiduque *Otto*, irmão do martyr de *Sarajevo*, e da princesa *Maria Josepha de Saxe*, neta materna de *D. Maria II*.

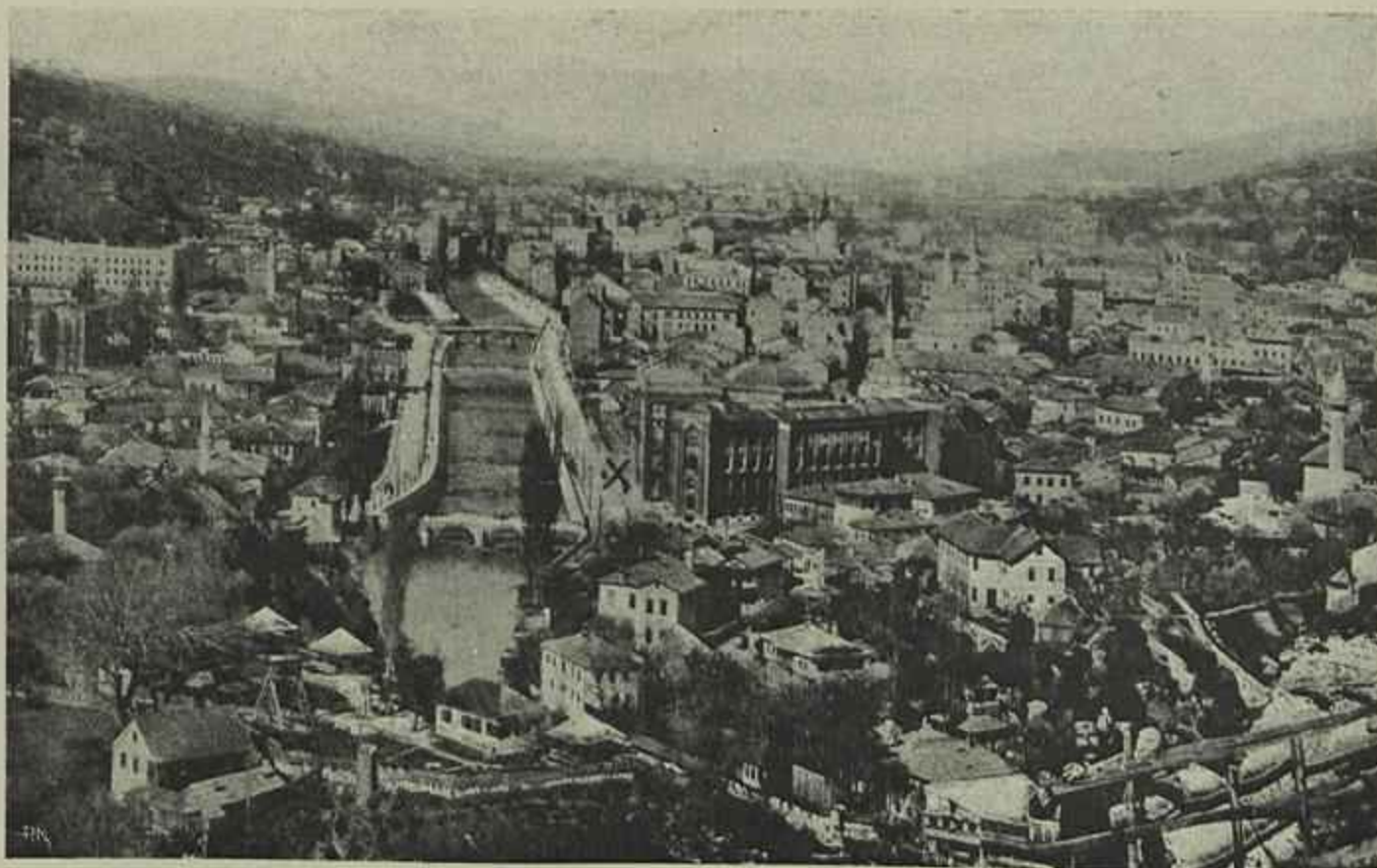
E' casado com a princesa *Zita de Bourbon-Parma*, neta materna de *D. Miguel I*.

A prole dos actuaes successores do imperador da Austria descende pelo lado paterno e materno dos dois filhos de *D. João VI* de *Bragança*.

Estará ainda reservada mais alguma desgraça para o infeliz e sympathico soberano, representante da casa dos *Habsburg*, o velho imperador *Francisco José*?

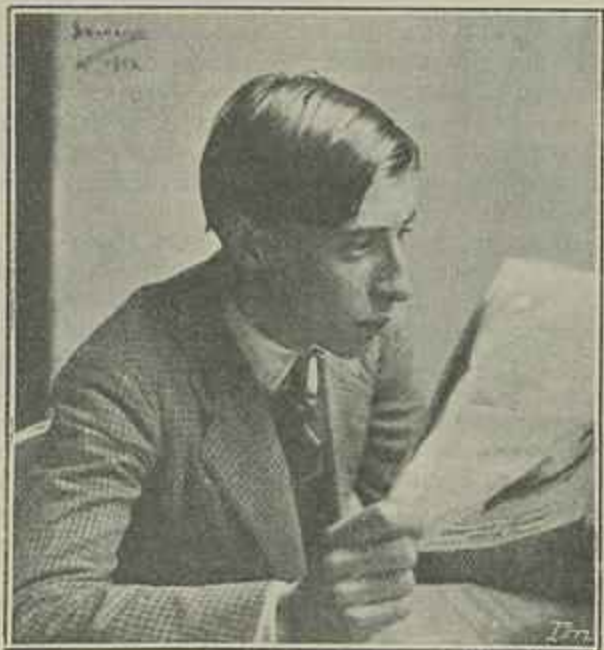
O venerando imperadôr, êle-proprio, ao saber do atentado horroroso que vitimára o archiduque *Francisco Fernando* e esposa, princeza de *Hohenberg* sentiu por momentos desfalecer a sua tempera excepcionalmente energica e soluçando, acabrunhado duma tristeza infinita, disse: «Que de mais atrós poderá ainda reservar-me a fatalidade?...»

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



SARAJEVO — X LOCAL ONDE SE DEU O ATTENTADO

# Exposição de Fotografias



RETRATO DO SR. JOSÉ MANOEL PINTO SACAVEM  
*Góma-Bichromatada, do sr. Visconde de Sacavem (José)*



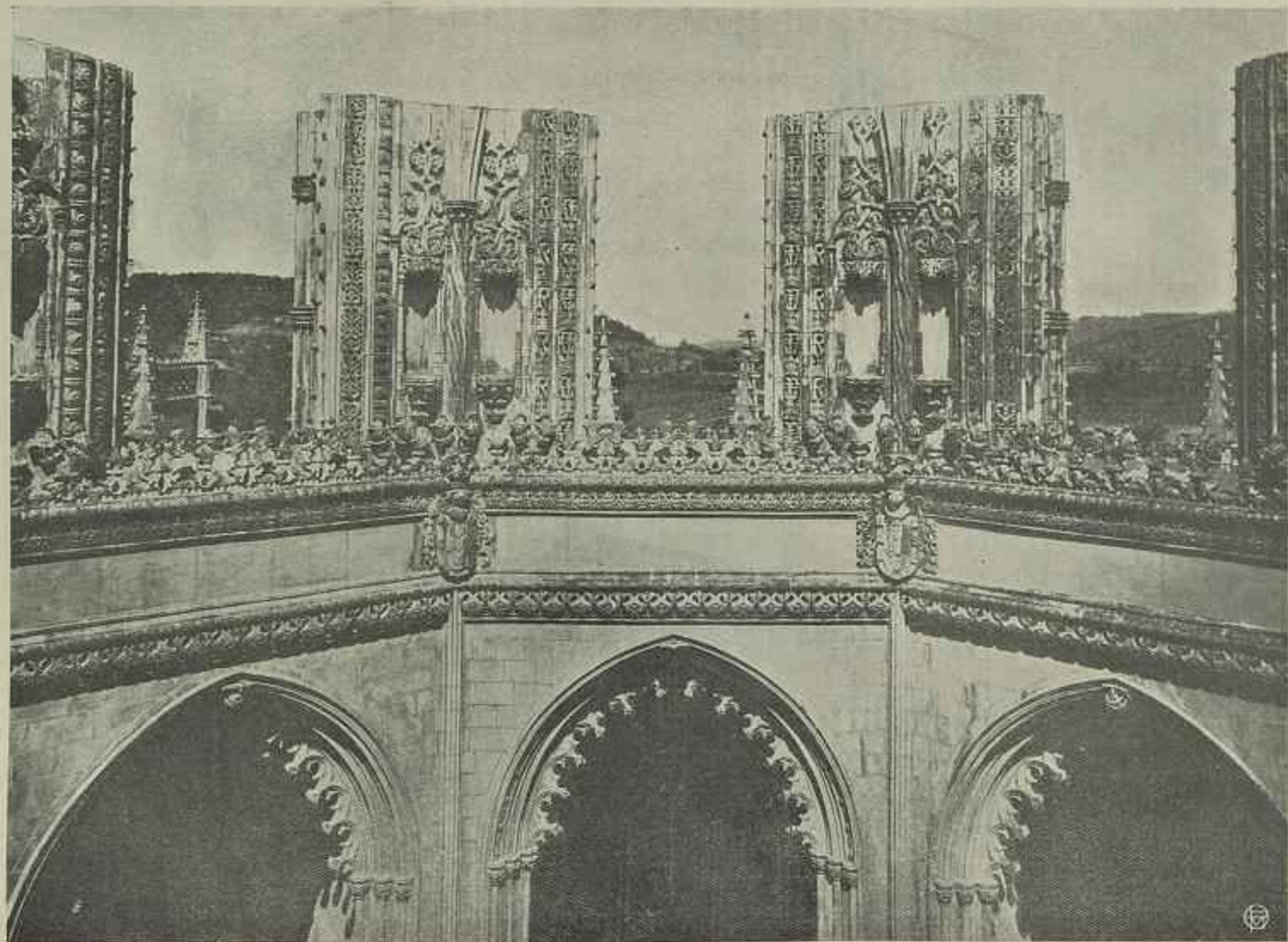
RETRATO DO SR. VISCONDE DE SACAVEM (JOSÉ)  
*Bromoleo do sr. Visconde de Sacavem (José)*



RETRATO DE D. MARIA SANTOS  
*Bromoleo-Transferido, do sr. Visconde de Sacavem (José)*



MENINA FERREIRA PINTO  
*Góma-Bichromatada do sr. Visconde de Sacavem (José)*



MONUMENTOS DE PORTUGAL. — CONVENTO DA BATALHA. CAPELAS IMPERFEITAS

(Cliché de M. Joaquim de Silva)

## Exposição de photographias

Visitámos ha poucos dias a exposição de photographias no instituto photographico da rua das Chagas, n.º 9, em que pudémos admirar trabalhos do distincto amator Visconde de Sacavem (José) e do novel artista Pedro Lima.

Esta exposição causou no nosso meio artistico, podemos empregar a palavra, uma verdadeira *revolução*, pois foram vistos trabalhos pela primeira vez em Portugal, feitos com tanta originalidade, com taes horisontes d'arte, que o geral do publico ficou suggestionado.

Na sala das chapas a côres, vimos apenas trabalhos do Visconde de Sacavem (José). Aqui, o illustre amator apresenta-nos uma serie de retratos e de interiores deveras lindissimos. A intensidade de colorido, a disposição do assumpto são manejados com um realismo extraordinario, sendo cada chapa um verdadeiro quadro. Na casa Lumiere, de Paris, não pudémos ver melhor trabalho!

Na outra sala, vêmos provas que podémos classificar da *ultima palavra em photographia*. Aqui, além de photographias do Visconde de Sacavem (José), vêmos obras do distincto artista Pedro Lima. Ao analysarmos as gômas, bichromatadas, bromóreas, transferts, oleos transferts, etc., retratos na generalidade, é que podémos avaliar quanto a arte photographica se tem desenvolvido nos ultimos tempos. Hoje em dia, a objectiva é para o photographo o que o instrumento é para o musico, o pincel para o pintor, o escopro para o esculptor. O retrato deixou de ter o aspecto duro e nitido dado pela lente, para nos traduzir a vibração da alma do artista! E' sob este aspecto, para assim dizer psychologico, que devemos vêr esta exposição! D'ahi o não ter sido comprehendida pelo geral do publico, o que não nos admirou, pois viu de chofre, trabalhos que demandam de profundo estudo, e d'um trabalho que leva mezes para se obter perfeito! Quando o nosso publico se penetrar bem d'este genero de trabalhos (que não sei quando será!), quando estiver ao facto da evolução artistica por que está passando a arte photographica, então poderá achar a serie de bellas que esta exposição revelou.

Por esta exposição se apresentar com o caracter da *intensa novidade*, não a reprovamos, bem pelo contrario. O nosso meio necessita conhecer o *moderno* que o estrangeiro faz, o nosso paiz necessita acompanhar a Arte em toda a gamma das suas transformações, senão, viverá atrazado constantemente, d'ahi um progresso nullo.

Aos expositores enviamos os nossos applausos, pois podemos asseverar que os seus trabalhos marcaram um brilhante inicio na arte photographica artistica em Portugal.

Agradecemos o convite que nos enviaram.

L. V.

## Monumentos de Portugal

### O Convento da Batalha

(Continuado do n.º 1259)

#### Capellas Imperfeitas

Estas capellas chamadas *imperfeitas* por terem ficado incompletas, não só não pertencem ao systema das obras primitivas, mas até prejudicaram o templo, detrás do qual se levantam, mascarando e impedindo a vista externa da capella mór, e roubando ás suas esbeltas janellas o maravilhoso effeito da luz atravez dos quadros coloridos e transparentes, que constituem uma das maiores bellezas d'aquella magnifica igreja.

Segundo uma noticia antiga, manuscrita, que vi ha bastante tempo, el-rei D. Duarte deixára encommendado em seu testamento que se proseguisse na obra das *capellas imperfeitas* até ao seu acabamento. Entretanto não pôde isto servir de testemunho, porque tal documento se perdeu ao que parece nas ruinas que o terremoto de 7 de janeiro de 1531, causou á torre do castello de S. Jorge, que encerrava o archivo real, e que por este motivo se denominava *torre do Tombo*, nome que ficou ao archivo depois que destruida quasi de todo a mesma torre pelo terremoto de 1755, se mudou para outro edificio.

Felizmente, porém, não nos faz falta o testamento d'el-rei D. Duarte para comprovar a minha asserção. Em favor d'ella vou apresentar um testemunho não menos auctorizado, porque é tambem de um rei, e neto d'aquelle a quem chamamos *fundador*.

No tomo 2.º das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, vem o testamento d'el-rei D. Manuel, e n'elle se acha um periodo, a pag. 333, que diz assim: «Item rogo muito e encomendo que se mandem acabar as capellas da Batalha, naquella maneira que milhor parecer, que seja conforme a outra obra, assy lhe dem entrada para a Igreja do Mosteiro da milhor maneira que parecer, e mandem mudar para ellas, sendo primeiro de todo acabadas, e assy seus Altares, e todas as outras cousas necessarias, *El-Rey D. Duarte que foi o primeiro principiadador dellas*, e assy *El-Rey D. Affonso V, meu thio, e El-Rey D. João, que Deus aja, e o principe D. Affonso meu sobrinho.*»

D'aquella disposição testamentaria tiram-se naturalmente varios corollarios importantes para a materia de que trato.

Em primeiro logar fica demonstrado que não pararam as obras das *capellas imperfeitas*, como julga o patriarcha D. Francisco de S. Luiz, por ter escolhido el-rei D. Manuel para seu jazigo o mosteiro de Belem, pois que as ditas obras não só continuavam no anno de 1517, em que foi feito o testamento, mas tanto a peito as tinha tomado este monarcha que, não obstante declarar logo no principio do mesmo testamento, que queria ser sepultado no mosteiro de Nossa Senhora de Belem, dentro da capella mór (1), recommenda ao seu successor que as acabe, e mude para ellas os feretros reaes, que estavam em deposito.

Em segundo logar fica, senão provado, presumivel com muito bom fundamento, que progrediram aquellas obras até ao fim do reinado de D. Manuel, pois não é crível que as deixasse parar quem quatro annos antes de morrer, mostrava tanto empenho na sua conclusão.

Deve-se portanto ter por averiguado, não só que foi no tempo de D. João III que as obras pararam, mas tambem que não succedeu isso logo no principio do seu reinado, antes continuaram os trabalhos ainda por alguns annos, o que se mostra muito clara e positivamente nas ultimas guarnições de esculptura, que se collocaram nas ditas capellas, e que são ornamentos pertencentes exclusivamente á architectura chamada do renascimento, d'aquelles que nunca figuraram n'essa architectura de transição que denominamos gothico-florido ou Manuelino, como demonstrarei quando descrever e fizer vêr em gravura o interior das mesmas capellas.

Constituem estas capellas um grande edificio de fórma octogona, independente da igreja, porém ligado á capella mór d'esta e ás duas capellas immediatas por um pateo rectangular, cujas paredes lateraes são como o prolongamento das paredes tambem lateraes do corpo da igreja.

Compõe-se aquelle edificio exteriormente de dois corpos principaes: o primeiro é formado pelo portico da entrada e por sete capellas, cada uma de tres faces, e cada face rasgada em dois terços da sua altura em uma formosa janella ou grande fresta de arcos ponteagudos. Separam as janellas, travados com os quatro angulos de cada uma d'estas capellas, gigantes ou botareos, que acompanham as paredes até á abobada, que cobre a mesma capella, faltando-lhes as pyramides, que os deveriam coroar, assim como falta a grade ou renda de pedra, que os havia de unir, guarnecendo a dita abobada. O espaço que fica entre as sete capellas é aproveitado, sendo tambem abobadados e fechado com uma parede, que sobe a pouco mais de meia altura das paredes lateraes, tendo no centro uma fresta ou janella. Assim fica este primeiro corpo independente do superior pela parte externa, e resaltando d'elle para fóra. O segundo corpo é formado por oito grandes macissos de pedra, e por outras tantas janellas nos intervallos d'estes. Aquelles macissos são compostos de muitas columnas delgadas, enfaxadas de espaço a espaço com umas faxas lavradas, a modo de anneis. Estes feixes de columnas, cujas bases assentam nos intervallos das capellas do corpo inferior, acostam-se aos angulos e deviam servir de gigantes ao edificio central, des-

(1) Diz o testamento: Item minha vontade he de minha sepultura ser no Mosteiro de N. S.ª de Belem, dentro na capella mór, diante do Altar mór, abaixo dos degraus, e que se me não faça outra sepultura, senão hua campa cham. de maneira que possa andar por cima della, e assy mando que se me faça. Não lhe satisfez porém seu filho a ultima parte d'esta vontade. Em vez de sepultura humilde erigiu-lhe um mausoléu.

tinado a cobrir o espaço octogonal, ou grande capella em torno da qual estão as sete capellas do corpo inferior, e o portal, que completa as faces do octogono.

A suspensão das obras deixou por acabar esta parte do edificio do modo que se vê na gravura, copiada de uma photographia.

A capella de Santa Barbara, que é a ultima do cruzeiro da igreja, do lado do evangelho, comunica-se com o convento por um corredor, no qual, exactamente por detraz da dita capella, está uma pequena porta que deita para um vão, onde se acha outra pouco maior com a cruz da ordem de Christo e duas esferas armillares esculpidas na parte superior d'ella; e ornada com uma tarja e cifra em relevo, em que avulta a letra E. primeira do nome *Emmanuel*. Dá passagem esta porta para o pateo rectangular, que separa a capella mór da igreja das *capellas imperfeitas* e que era destinado a servir de vestibulo a estas ultimas.

Este pateo está descoberto; mostra porém por um pedaço de abobada que n'elle se vê, que esta o devia cobrir de todo. Aquella abobada, inteiramente differente de todas que existem no monumento de D. João I, é achatada, e dividida por numerosos artesões, com muitos florões de variados lavores. Esta obra denuncia por sua propria estrutura que foi feita na mesma epocha em que se construia a da igreja de Nossa Senhora de Belem.

E' pois n'este pateo que fica a entrada das *capellas imperfeitas*. O magestoso portal que lhe dá ingresso logo previne o visitante da magnificencia e belleza da ornamentação interior; e ao mesmo tempo lhe está indicando, que tem diante dos olhos um monumento de differente estylo architectonico d'aquelle que vem de contemplar. Aquella nobre simplicidade, ou sabia parcimonia de ornatos gentis, que distinguem a fabrica de D. João I, é substituida na obra que vamos observar pela profusão das decorações, por esse luxo ornamental, que faz uma das principaes feições do estylo gothico-florido, representante da epocha d'el-rei D. Manuel.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

## Heloisa e Mariana

(Concluido do n.º antecedente)

Em plano secundario, com relação ao merecimento intellectivo da professa de Argenteuil, temos a nossa religiosa de Beja, equiparando-se-lhe, contudo, em valor de sentimento. Mariana Alcoforado não é o



Claustro da Igreja da Conceição—Beja

CLAUSTRO DA IGREJA DA CONCEIÇÃO EM BEJA





SOROR MARIANA

espírito aprimorado de Heloísa, vivendo na culta Paris e recebendo as lições dos grandes mestres; é, antes, uma simples, aliás inteligente donzela da provincia, oriunda de modesta, embora afdalgada, familia, formando-se num acanhado recinto conventual, na mediocre convivencia das suas irmãs de claustro, mas dotada de alma ardente, verdadeiramente peninsular, vibrando intensa aos influxos da paixão.

Herdou, por fatalidade sua, a fibra do seu antepassado Antonio Alcoforado, o célebre pagem da duquesa de Bragança, D. Leonor de Medina e Sidonia, por quem se perdeu de loucos amores que, tão tragicamente, expiou, um século antes, no solar de Vila Viçosa, por vingança do duque ultrajado, D. Jaime.

Um ente, assim, está fadado para uma grande ventura ou para um grande desastre. Foi, infelizmente, na segunda hipótese, que a pobre Mariana sossobrou. A catastrophe foi inteira; nela, perdeu honra e fé.

Clausurada, desde criança, no mosteiro da Conceição, para onde a vontade paterna a levou, Mariana, sem vocação para o claustro, com dificuldade, daria a verdadeira

asceta e só a sua desventura poderia despertar-lhe o desprezo do mundo e, como consequencia, o desejo da céla, onde a alma esfacelada busca resignação e conforto.

Do mirante do seu convento, avistam-se os campos onde se travaram as pelepas pela nossa independencia, anos antes, proclamada em 1640.

Nesses campos e proximo do edificio monástico, em exercicios e evoluções militares, distinguia-se uma figura esbelta de cavaleiro montando fino corcel.

Passava, com frequencia, junto ás sombrias paredes do convento e era como que um raio de sol iluminando-as.

Noel Bouton de Chamili, oficial francês, ás ordens de Schomberg, aqui, enviado por Luiz XIV, para nos auxiliar contra a Espanha, era essa figura de destaque e que, tanto impressionou a ingénua Alcoforado.

Pertencia a nobre familia e tinha fama de honrado e valente salientando-se nas guerras de Holanda e, então, nos prélios do Alentejo. Nestas circunstancias, que mais para conquistar um coração feminino e naturalmente propenso a amar?

De mais, o senhor de Chamili reunia, a talentos militares, talentos de galanteador e, como habil estratégico, assinalou-se, ainda que bem tristemente, nos fastos da amorosidade portuguesa.

A paixão que despertou foi, como a de Abeilard, imensa, mas, ao inverso, do nobre filosofo que, heroicamente, se sacrificou pela sua amada, o *brioso* soldado e não menos *brioso* fidalgo, regressa a França, abandonando á solidão e ao desespero, aquela que, de corpo e alma, se lhe dedicára.

E', então, que a voz dessa mulher se faz ouvir nas cinco *Cartas* dirigidas ao amante ingrato.

Repasadas da mais terna afeição, numa linguagem naturalissima, dóce e carinhosa, as quatro primeiras epistolas são lamentos de boa fé aniquilada, exortações procurando trazer, a bom caminho, esse homem frio e banal. Lembra-lhe as falsas promessas com que a iludiu, os juramentos hipócritas de sedução, esperando, sempre, um arrependimento que compense as agruras de tão árduo sofrer, de tão cruel abandono.

Na ultima carta, a vítima, enfim, desenganada, sente acordarem-lhe os impulsos da dignidade, gravemente, ofendida, da honra ferida pelo ultimo dos ultrages e, em frase de ácre censura, mas em que não consegue ocultar uma paixão que já mais se extinguirá, vota, ao desprezo, o seu alagoz e procura esquece-lo inteiramente.

Vertidas para francês, por um infimo impulso de vaidade, Chamili fez publicar essas expansões intimas e, quatro anos depois de escritas, percorriam a Europa na sua primeira edição de 1669. Fizeram sucesso e, daí, a sua republicação em sucessivas edições.

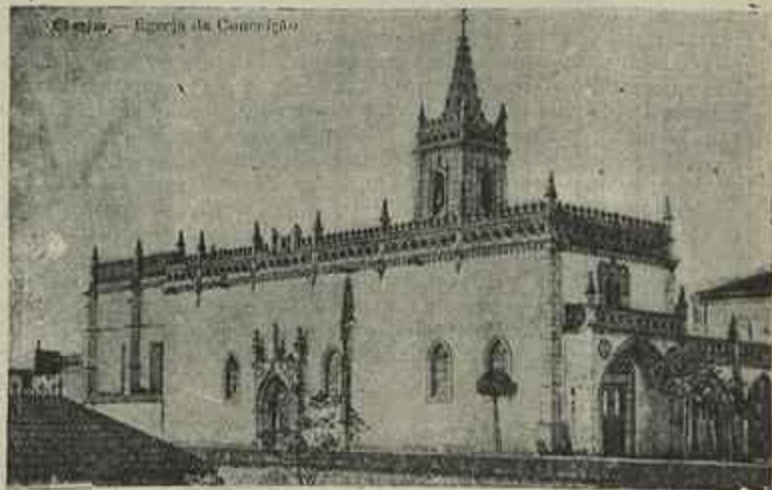
Entre nós, só foram conhecidas, em 1824, pela tradução para português de Sousa Botelho; isto, século e meio depois de serem conhecidas no estrangeiro!

Este facto da nossa habitual incúria teve, contudo, uma grande vantagem, pelo lado moral, chegou, mesmo, a ser uma benemerencia — a de deixar morrer, na ignorancia do escandalo da publicidade das suas mais queridas confidencias, a desventuradissima professora de Beja.

Octogenaria, terminou, seus amargos dias, essa mulher. Foi longa a expiação da sua falta.

Nós muito lhe queremos. Tributamos-lhe a maguada simpatia pelos seus infortunios e o maior reconhecimento pelas suas *Cartas*.

DAMASCENO NUNES.



EGREJA DA CONCEIÇÃO EM BEJA

## O Posto do relógio padrão da «Hora legal»

(Um ementário historico)

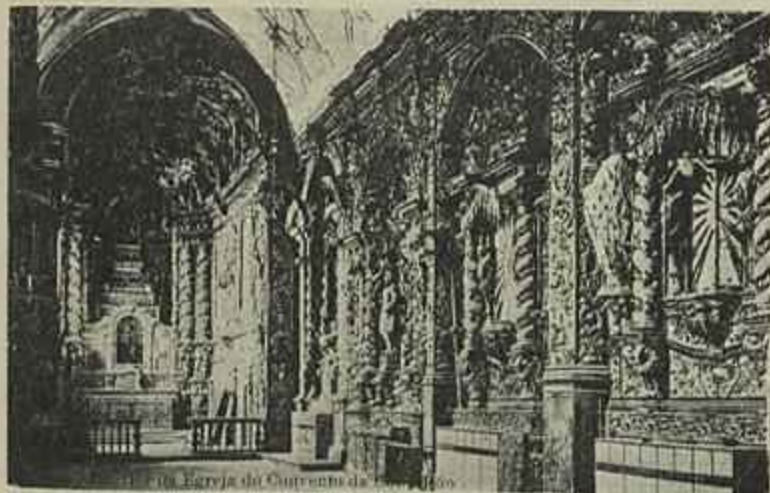
Registemos, primeiro, aproximando-os ordenadamente, os seguintes factos e datas: — a reunião do Congresso internacional de Washington, em 1884, em que se adotou o systema dos *fusos horarios*; a promulgação do decreto de 24 de maio de 1911 da Republica Portuguesa, estabelecendo em todo o territorio nacional, desde 1 de janeiro de 1912, a *hora legal*, pelo tempo médio de *Greenwich*; a Conferencia internacional da hora, realisada em Paris em 15 de outubro de 1912; e a inauguração do «Posto do relógio-padrão da Hora legal», em Lisboa, na margem do estuario do Tejo, em junho de 1914.

Traçado este ementário historico, n'esta oportunidade e por maiores conveniencias, acompanhemos agora com algumas palavras a estampa em que se desenha a face principal do singelo edificio do Posto, e na qual se abre a caixa do relógio-padrão da hora legal.

São elas tambem, e em certo modo, de aditamento ao que sobre a adopção dos *fusos horarios* deixámos já brevemente anotado n'outra pagina d'O OCCIDENTE. (1)

Dois corpos compõem o edificio do Posto: a *torre*, pouco elevada, rectangular, do relógio-padrão; e a *barraca* contigua que amplia a instalação e, porventura, suficientemente, para os cor-

(1) Vid. pag. 214 do numero antecedente do OCCIDENTE, 1978.



ALTAR-MÓR DA EGREJA DO CONVENTO DA CONCEIÇÃO EM BEJA

respondentes serviços: uns relativos á *conservação da hora legal*; outros, interessantes á *distribuição dos signaes horarios*.

Quando isto se afigure, porventura, vulgar, mais certo é que a execução d'estes serviços se accusa complexa; e, pelos seus fins, mais importante. Prende-se singularmente á situação marítima de Lisboa e á grandeza do seu porto. E não menos importa notar o que respeita á aludida distribuição dentro da maior área citadina, considerando, primeiramente, a situação dos edificios publicos em que estão colocados, exteriormente, relógios, e, emfim, o que se estabeleça para bem se manter a distribuição dos mesmos signaes, portas a dentro das repartições publicas, dos escritorios commerciaes, dos estabelecimentos fabris, e d'uns tantos domicilios. Póde, portanto, figurar-se, n'estas circumstancias, que, para a distribuição da hora, se utilize a rede telefonica de Lisboa. Um tanto de combinação se impõem, logo acompanhadas da instalação, n'aquelles locaes, de aparelhos simples para recepção dos signaes horarios.

Como a *conservação da hora legal* exigia, o relógio do Posto é de especial e esmerada construção. E' de pendulo; de motor de peso, cuja função se mantém, ininterrupta e automaticamente, pela corrente electrica fornecida por um dynamo. Ajuizamos que, como complemento do regulador, funciona um systema de *correção automatica*. E assim, necessariamente, para se accusarem *synchronicos* os movimentos e as velocidades do relógio-padrão e os da pendula do Observatorio astronomico da Tapada da Ajuda — relógio e pendula, aos quaes corresponde, do Observatorio para o Posto horario, uma adequada ligação por um conductor electrico.

Esta ligação constitue, pois, uma comunicação fundamental, para se conhecer, no Posto, instantaneamente, a *determinação da hora*, e para bem se manter, nele, a *conservação da hora legal*. Como tambem para o que venha correspondendo á rede que do Posto irradia para a *distribuição da mesma hora em Lisboa*, e, porventura ainda em todo o continente de Portugal. Isto implicará o aproveitamento, pelo Posto, das comunicações telegraficas, e, mais progressivamente, a exploração da radiotelegrafia.

Por que assim dizemos, occorre-nos accrescentar que, n'esta data, é o Observatorio astronomico da Tapada da Ajuda que, recorrendo ás comunicações telegraficas terrestres e submarinas, assina a *determinação da hora*, para o Observatorio da Serra do Pilar e para os dos Açores (Ponta Delgada e Fayal).



O POSTO DO RELOGIO PADRÃO DA HORA LEGAL EM LISBOA

No entanto, vemos que, afóra aquella comunicação electrica fundamental, outros fios conductores entram na montagem do Posto horario. Fica, pois, ligado a diferentes estações, na razão do plano, por que se rege — no seu inicio — o novo serviço da Hora legal.

Por enquanto, a rede correspondente tem a marca-la, mais ostensivamente, os dois pilones levantados no terrapleno marginal; um d'elles situado fronteiro ao torreão leste da Praça do Comercio; e o outro á Junqueira. Entre eles medem-se cinco quilometros. Destinam-se á colocação da lanterna dos signaes luminosos que são, mais particularmente, para servirem as exigencias do serviço nautico e chronometrico.

Compõem a lanterna 21 lampadas de incandescencia. E' *continua* a corrente electrica que acende as lampadas do pilone de leste, sendo ella fornecida pela officina geradora de electricidade do Arsenal da Marinha. E' *alternativa* a que serve o pilone de oeste, e gera se na officina situada á Junqueira.

Em conformidade com estas disposições se estabelecem as comunicações telegraficas do Posto horario.

Em cada lanterna a *intensidade* da luz regula por 100 velas; e o *alcançe*, mesmo quando as radiações solares são mais vivas, atinge cinco quilometros.

E' a extinção da incandescencia, ao fim de cinco minutos de duração luminosa, que accusa a hora legal, pelo meridiano de Greenwich.

Pela situação que os pilones occupam, projectando-se e levados, os signaes luminosos serão visiveis n'uma larga extensão do estuario do Tejo, do seu amplo ancoradouro. Podem ficar assinados quatorze quilometros, medidos sobre a margem direita, desde o Poço do Bispo a Algés. São, esses signaes, ainda visiveis, de diferentes povoações, e estabelecimentos industriaes, situados na margem esquerda. Notando a maior inflexão d'esta, para montante do rio, visiveis os signaes, desde o Alfeite a Cacilhas; e, para jusante, das povoações que se situam ao sopé dos montes, ou nos seus visos, entre Cacilhas e

Trafaria. O que melhor se reconhecerá, quando funcionem as lanternas.

A distribuição da «hora legal» na vasta área de Lisboa, já em parte realisada pelos mostradores dos relógios das estações centraes, e secundarias, da rede ferro-viaria, e, — admitamo-lo — pelos das estações telegrafo-postaes, será tanto mais completa e perfeita, consoante a medida do que, mais eficazmente, venha regendo o serviço da conservação da hora nos relógios de determinados edificios publicos que, pela sua situação, muito se assinalam.

Não nos alongando em referencias, apenas mencionaremos dois d'esses edificios: — o Arco monumental da rua Augusta, e cujo relógio deve fixar a atenção por lhe corresponder o grande centro comercial de Lisboa; e a Torre d'Ajuda, pela sua situação a 95 metros de cota, e a 875 metros de distancia, medidos em linha recta, do Observatorio astronomico da Tapada.

Aos signaes horarios luminosos dos pilones da margem do Tejo, bem era que, concordantemente, se estabelecessem, nos apontados edificios, os *signaes sonoros*, d'accordo com o systema por que se rege a conservação da «hora legal» no Posto para tal fim agora creado.

Não se nos deparam razões que impugnem o estabelecimento d'estes signaes que falam ao ouvido, antes primam, por concludentes, as que nos acodem ao pensamento.

E por ultimo diremos que, tornando se impositiva a conjugação do serviço horario com a radiotelegrafia, no interesse da navegação sobre o Atlantico, outro tanto succede quando se considera a satisfação d'outras exigencias por aquele maravilhoso meio de comunicação.

N'esta ordem de ideias, encontramos razão para dizer que ficaria bem localisada no mesmo edificio do Posto horario, quando assim o permitisse a sua capacidade e estrutura, a estação radiotelegrafica, desde logo mais accessivel para as relações com o publico, d'esta melhor situação do que a actual, resultando ainda outras vantagens que facilmente se descortinam.

F. JULIO BORGES.



## O MEZ METEOROLOGICO

Junho, 1914

Barometro — Max. 165<sup>mm</sup>8. em 12.

Min. 759<sup>mm</sup>3. em 9.

Foram insignificantes as oscilações barometricas durante o mez.

Termometro — Max. 30°3. em 23.

Min. 12°4. em 9, 10 e 13.

Calor pouco accentuado; um unico dia de maxima superior a 30°.

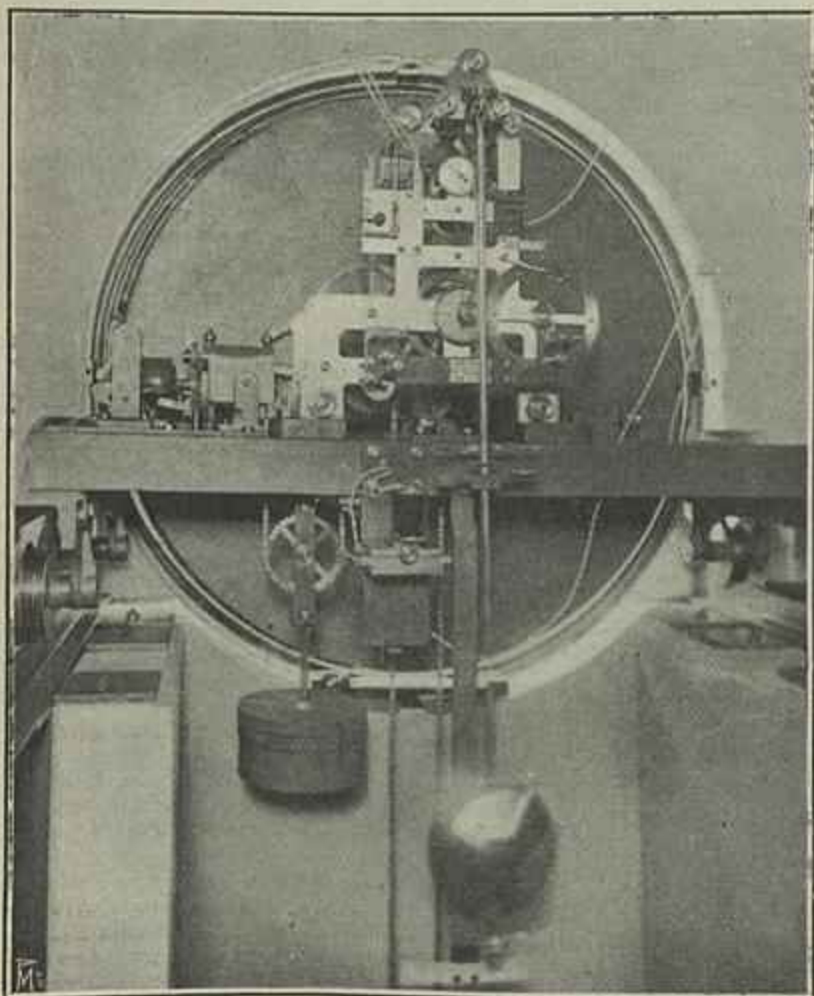
Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado

7 dias. Ceu nublado 22 dias.

Ceu encoberto 1 dia.

Chuva — 20<sup>mm</sup>.5 em 5 dias, sendo a altura pluviometrica em 24, de 19<sup>mm</sup> com trovoadas persistentes das 16 1/2 ás 21 horas.

Horas de sol — 274<sup>h</sup>.04.



MAQUINISMO DO RELOGIO PADRÃO COM AS INSTALAÇÕES ELÉTRICAS



SENTADOS (da esquerda para a direita): Rocha Peixoto, Espinola de Mendonça, Alexandre Barbas, D. Adelaide Félix, José Sairava, Caetano Calafaté, Rosário Marques.  
DE PÉ (da esquerda para a direita): Antonio Dias, Marcelino de Freitas, David d'Oliveira, Celestino Rocha, José Tavares, Assis Barros, Garcia Reis, Pedro Serra.

GRUPO DE ALUNOS DO 4.º ANO (PERÍODO TRANSITÓRIO) DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

(Cliché da fotografia Novaes)

## Folhas soltas

### Gluck

Ao começar esta secção, melhor assumpto não podia escolher, senão tratar do notavel compositor Gluck, cujo bi-centenario foi festejado a 2 d'este mez em todos os grandes centros musicaes.

Para muitos da nossa capital não poderão ouvir falar em Gluck sem se recordarem, com um certo enfado, da sua opera *Orfeo* ouvida varias vezes, no theatro de S. Carlos. Dou-lhes razão, um publico que reconhece tantas bellezas na *Tosca* e *Pagliaccio*, não poderá nunca encontrar no *Orfeo* uma opera que lhe disperte interesse. Para se gostar da musica de Gluck, não basta somente *ouvir*, é necessario pessuir educação musical, o que poucos têm.

Gluck teve a sua epocha, gostando de viajar, como aliás os artistas do seu seculo, foi impondo em varios theatros da Europa as suas operas que com mais ou menos agrado eram executadas. Porém, a sua vida de compositor tem umas paginas importantes que deram brado pelo escandalo, nas quaes teve um papel saliente a *inveja* dos seus inimigos.

Ao apparecerem as operas de Gluck, quando este se lembrou de as dar em Paris, foi recebido com as maiores hostilidades. Gluck, tendo pelo seu lado a protecção de Maria Antonieta, conseguiu que fosse cantada a sua opera *Iphigenia em Aulide*. Os seus inimigos tinham o compositor Piccini, como superior a Gluck!

O que este compositor soffreu para con-

seguir que a sua opera fosse cantada, dizem-nos as chronicas do tempo: supportou, com a maxima paciencia, as mais repugnantes intrigas de toda a gente e de todos os artistas.

Bastará apontar que os musicos da orchestra, sabiam no meio dos ensaios sem a menor deferencia pelo auctor que estava a reger.

A ultima hora um cantor diz-se doente, e Gluck esperou uns dias até elle se curar!

Finalmente, em a noite de 19 de abril de 1774, a *Iphigenia* foi cantada. Desde as onze horas da manhã d'esse dia, as portas do theatro estavam apinhadas de gente. A curiosidade lia-se-lhes nos rostos, em toda Paris não se fallava d'outra coisa! Logo ao iniciar-se a symphonia, no camarote estava toda a familia real, excepto o rei e a sr.<sup>a</sup> de Barry, inimigos de Gluck.

Toda a noite ouviram-se applausos, mas logo abafados pelo resto do publico que protestava. Salientou-se um espectador, um rapaz, que parecia commandar um grupo que pateava com mais força, coamava-se Robespierre, o futuro dictador.

Maria Antonieta applaudia os principaes trechos, mas a opera foi recebida friamente.

Mais tarde os amigos de Piccini fizeram cantar uma sua opera com o mesmo assumpto da de Gluck; porém, a opera do auctor do *Orfeo* esmagou por completo a *Iphigenia* de Puccini. Na segunda recita, a cantora principal appareceu embriagada, e um espectador exclamou: «Não é Iphigenia em Tauride, mas sim em Champa-

gne.» A opera de Gluck ficou no cartaz, o duello artistico estava terminado. Na campa de Gluck lê-se o seguinte epitaphio:

«Aqui jaz um homem honesto allemão, um bom christão e um marido fiel, mestre na arte da musica, morto a 15 de novembro de 1787.»

São estas sentidas palavras que, esculpidas na fria pedra do tumulo, foram recordar aos vindouros, a existencia d'um grande musico, já que para muitos a sua obra é quasi ignorada.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



## ANGOLA

(Continuado do numero antecedente)

*Segunda viagem* — Partida em setembro ou outubro de 1484. Vão á Madeira, Gambia, Benim. Passam por algumas das ilhas do golpho de Guine; entram no rio do Padrão; entregam os pretos, recebem os portuguezes ficados da viagem anterior e promettem voltar ali.

Não pôde ser muito curta a estada no rio, porque tiveram de mandar recado ao rei, posto lá pela terra dentro, e esperar que voltassem os portuguezes que estavam com elle. Partem do rio do Padrão, descobrem costa para sul e arvoram os outros padrões. Voltam ao rio do Padrão; Diogo Cam vae ter com o rei do Congo, e recolhe depois a Portugal, onde chega em abril ou maio de 1486.

Temos pois: *Segunda viagem* — Começada em setembro ou outubro de 1484. Descobrimto



CATUMBELLA

da costa para sul do rio do Padrão. São arvorados os mais padrões de Cam. Terminada em abril ou maio de 1486.»

Ocorria por então o período de máximo esplendor da nacionalidade lusa, que o Gama e o Albuquerque em breve iriam assegurar, definitivamente, para as estréas imortaes de um cantor genial; mas, logo após, com o governo de Sebastião escureceu nos a luz dos dias e ao acordar de 4 d'agosto de 1578 caiu-nos em casa o jugo de castelhanos, durante a longa noite em que o 1.º de Dezembro de 1640 foi, por fim, aurora de emancipação.

Na mão dos holandezes, perdera-se Angola, Angola que, em 1903, mereceu este conceito a Gomes dos Santos (*As nossas colonias*):

«Sob o ponto de vista economico a provincia de Angola é a mais importante das nossas possessões ultramarinas e aquella que apresenta um mais largo futuro» e, em 1910, ao ministro da marinha João de Azevedo Coutinho (*A Questão do Alcool de Angola*) este outro:

«É Angola a mais vasta das nossas colonias, aquella que maior variedade de condições apresenta, pois que, desde as margens alluviaes dos seus rios, de caracter accentuadamente tropical, até ás altitudes dos planaltos do interior, parece possuir terrenos para todas as culturas e climas para todas as raças. É, sem duvida, aquella em que o espirito portuguez, com muitas das suas incontestaveis qualidades de colonizador, mais accentuadamente se imprimiu, é, entre todas, inegavelmente, a que melhores condições e garantias nos offerece para realizarmos a nobre missão de civilizar o indigena africano e de organizar nações novas; pode vir a ser, se soubermos orientar a nossa actividade, torná-la persistente, sujeitá-la a processos scientificos, um novo Brasil, onde, como neste, sem embargo de com

elle não poder equiparar-se em riquezas naturaes, venha a perpetuar-se o nome portuguez, a sua historia, as suas tradições e a sua lingua.»

Readquirimos Angola depois de expulsa a intrusa dinastia dos Filipes, e é digno de registo indelevel o modo como, essa nossa joia do continente negro, voltou á posse dos descendentes dos seus descobridores.

Vamos assistir ao scenario heroico na narrativa por todos os titulos autorizada, do Visconde d'Assoca (*N ticia historica acerca de Salvador Corrêa de Sá e Benevides*, em sessão da Sociedade de Geografia de Lisboa de 14 de janeiro de 1907):

«Fez-se a armada á vela para Loanda com esse fim e apenas chegado á capital da provincia, participou aos Holandezes os motivos da sua vinda, as suas razões de queixa, declarando lhes, que logo que elles não respeitavam a paz estabelecida, não só opprimindo os portuguezes, mas ainda sujeitando os sovas que seguiam a voz de Portugal, tambem elle se não julgava obrigado a deixar de a infringir e portanto que lhes declarava a guerra, ainda que interpretando o regimento d'este modo arriscasse a sua cabeça, que exigia mais, que elles se entregassem immediatamente, propondo-lhes n'esse caso decente capitulação, para evitar mortes e estragos.

Surprehendidos os Holandezes com a audacia do recado, pediram tres dias para a resposta, esperando que durante elles regressasse parte do seu exercito que andava fóra; bem percebeu Salvador Corrêa qual o fim da demora, mas aceitando a, quiz ostentar a sua bizarría e a confiança nas muitas forças que trazia; foi-lhe respondido no fim dos tres dias, que com polvora e balas os acharia Sua Senhoria.

Desembarcou então Salvador Corrêa, com seiscentos e cincoenta soldados e duzentos e cincoenta marinheiros, cobrindo-se simultaneamente o mar de pequenas canoas carregadas de homens

vestidos de ferro e armados. Mais de mil soldados brancos contavam os sitiados, e outros tantos negros; mas apenas viram abalar-se das náus os 900 portuguezes, desembarcarem e avançarem logo com toda a decisão, levando á frente o seu general e duas companhias de mosqueteiros, — não quizeram esperar na cidade o choque de tão bem composta e determinada infantaria, que a não moviam e em nada a descompunham surriadas de balas de artilharia, com que se procurava estorvar lhe a marcha — e tomados de terror largaram a praça, refugiando-se no forte de Nossa Senhora da Guia e na fortaleza de S. Miguel, sendo esta por natureza quasi inexpugnável, cortada a pique sobre o mar por tres de seus lados e bem defendida do lado da cidade, o mais estreito, por grossa artilharia de bronze.

Salvador Corrêa, sem dar folga aos aterrados Holandezes, assestou n'essa mesma noute contra elles duas baterias, empregando parte da artilharia que tinham deixado no forte de Santo Antonio, quando o abandonáram, principiando logo a bombardear a fortaleza, não fazendo porém grande damno a artilharia na sua muralha, por ser de—terra e fachina a que olhava para aquella parte —.

(Continua.) D. FRANCISCO DE NORONHA.

## TRESPASSE

### Bom emprego de Capital

No centro da cidade ha um magnifico e acreditado estabelecimento de ourivesaria, que se trespassa pelo motivo do seu proprietario desejar retirar-se do comercio.

Carta ás iniciaes S. A. R.

Avenida da Republica, 84-B  
LISBOA

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

## BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca  
Exigir pois esta marca  
em todos os estabelecimentos



## CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

J. MARINHO

5, Calçada da Gloria, 5—LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do país, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



GRAND PRIX  
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904.  
Xarope Peitoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições Lisboa 1898,  
Paris 1889, Belem 1893,  
Avers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Heroico contra todas as afeções dos  
organos respiratorios, taes como: tosses  
rebeldes ou convulsas, ataques asma-  
ticos, bronquites agudas ou crónicas.  
Legalmente autorizado pelo Conselho de  
Saude Publica de Portugal e pela Ins-  
pectoría Geral d'Higiene dos E. U. do  
Brasil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS.  
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS  
PEDRO FRANCO & C.  
RUA DE BELEM, 147—LISBOA